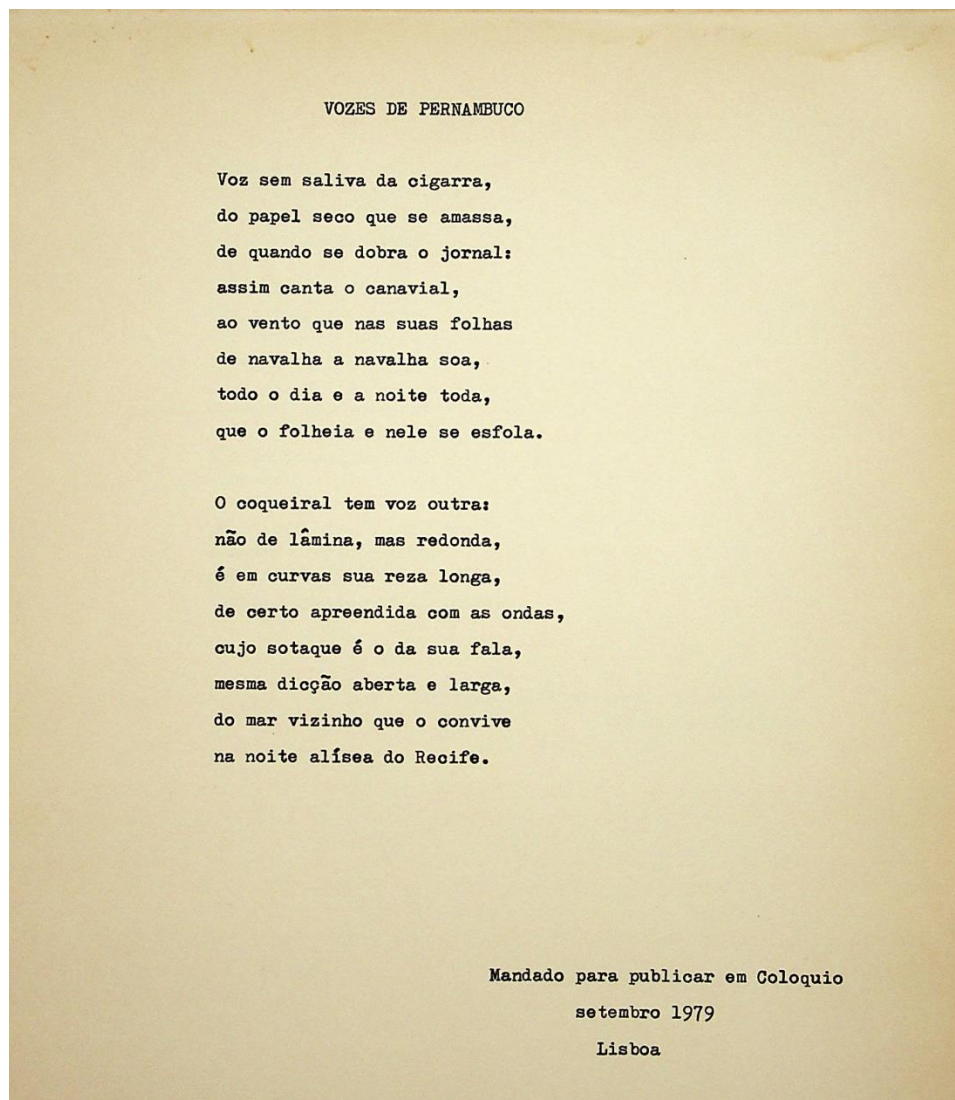


“Vozes de Pernambuco”: versão inicial de dois poemas de João Cabral de Melo Neto



Edneia Rodrigues Ribeiro¹

O acervo de João Cabral de Melo Neto, sob os cuidados do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, tem muito a oferecer aos estudiosos da sua obra. Durante pesquisa para a tese de doutoramento² de minha autoria, foram descobertos dezenas de textos inéditos e outros dispersos. Ao segundo grupo pertencem aqueles que não aparecem nos livros publicados pelo poeta pernambucano, mas foram divulgados em outros meios. Desse material, mais de 50 poemas inéditos foram acrescentados ao volume de *Poesia*

¹ Professora de Literatura no *Campus* Montes Claros, do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG); possui doutorado em Letras-Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); edneiarr@yahoo.com.br

² RIBEIRO, E. R. *Um Museu de duas faces: poesia de circunstância em João Cabral de Melo Neto*. 2019. 225 folhas. Tese de doutoramento em Letras-Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2019.

completa, organizado por Antonio Carlos Secchin com a minha colaboração. A publicação em homenagem ao Centenário de João Cabral será lançada, ainda em 2020, pelo selo Alfaguara, do grupo Companhia da Letras.

Como não se encaixam na seção de inéditos nem de dispersos, alguns poemas que, mesmo com título diferente, trazem versões modificadas de outros já conhecidos³ não integrarão a *Poesia completa*. É o caso de “Vozes de Pernambuco”⁴, escrito em setembro de 1979 e publicado no número 53 da Revista Colóquio-Letras, em janeiro de 1980. No mesmo ano, a Editora José Olympio lança *A escola das facas*. Curiosamente, o sumário indica a ausência de “Vozes de Pernambuco” entre os 48 poemas que integram o livro de 1980. O seu título, no entanto, lembra dois poemas ali publicados – “A voz do canavial” e “A voz do coqueiral”. As semelhanças não se restringem aos títulos. Tornam-se mais evidente no corpo dos poemas, pois ambos surgem do desmembramento de “Vozes de Pernambuco”.

Conforme atesta o *fac-símile* do original datilografado, a primeira estrofe do poema publicado na *Revista Colóquio/Letras*, após algumas modificações, passou a se chamar “A voz do canavial”, de *A escola das facas* (1980):

Voz sem saliva da cigarra,
do papel seco que se amassa,
de quando se dobra o jornal:
assim canta o canavial,
ao vento que nas suas folhas
de navalha a navalha soa,
todo o dia e a noite toda,
que o folheia e nele se esfola.

Voz sem saliva da cigarra,
do papel seco que se amassa,

de quando se dobra o jornal:
assim canta o canavial,

ao vento que por suas folhas,
de navalha a navalha, soa,

vento que o dia e a noite toda
o folheia, e nele se esfola.⁵

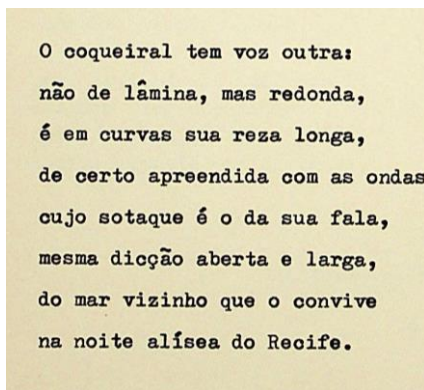
³ Além de “Vozes de Pernambuco”, destacam-se “Porque mataram o ‘Cabeleira’” e “Pequeno museu andaluz”. O primeiro foi publicado no número 67 da *Revista Colóquio/Letras*, em maio de 1982, e aparece em versão modificada em *Agrestes* (1985), com o título “Por que prenderam o ‘Cabeleira’”. O segundo é um poema constituído por cinco seções, publicado no número 35, da Revista de Cultura do MEC. Posteriormente, as partes foram modificadas e apresentadas como poemas independentes em *A escola das facas* (1980) e *Agrestes* (1985). Entre os cinco poemas que surgiram da divisão de “Pequeno museu andaluz” se encontra “O mito em carne viva” que teve uma segunda versão – diferente também daquela que consta em *Agrestes* – publicada no número 71, da Revista Tempo Brasileiro, em 1982. A eles nos dedicaremos em trabalhos futuros.

⁴ MELO NETO, J. C. *Fac-símile* do poema “Vozes de Pernambuco”. In: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), Seção “Produção Intelectual”, pasta “*Obras literárias diversas: originais datilografados de prefácios, poesias, crônicas, discursos e outros*”.

⁵ MELO NETO, J. C. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. Lisboa: Glaciar, 2014, p. 544.

Na estruturação dos versos nota-se a transformação da estrofe única de oito versos em quatro de dois. É importante destacar que, ao longo da obra de João Cabral, o uso de dísticos torna-se um traço peculiar aos poemas que apresentam rimas emparelhadas. Quanto ao conteúdo, não houve alterações substanciais. Se comparada à primeira estrofe de “Vozes de Pernambuco”, “A voz do canavial” apresenta algumas adequações linguísticas, principalmente no uso de vírgulas, e trocas pontuais de alguns termos. Essas alterações são muito sutis, tornando-se mais notáveis apenas na última estrofe – “vento que o dia e a noite toda/ o folheia, e nele se esfola.” – que passa a substituir os versos finais da primeira versão – “todo o dia e a noite toda, que o folheia e nele se esfola”.

O poema “A voz do coqueiral” constituía a segunda estrofe de “Vozes de Pernambuco”, de acordo com a versão *fac-similar* apresentada a seguir:



O coqueiral tem voz outra:
não de lâmina, mas redonda,
é em curvas sua reza longa,
de certo apreendida com as ondas
cujo sotaque é o da sua fala,
mesma dicção aberta e larga,
do mar vizinho que o convive
na noite alísea do Recife.

O coqueiral tem seu idioma:
não o de lâmina, é voz redonda:

é em curvas sua reza longa,
de certo apreendida das ondas,

cujo sotaque é o da sua fala,
côncava, curva, abaulada:

dicção do mar com que convive
na vida alísia do Recife.⁶

Em relação à estrutura formal, esse poema mantém a troca de estrofe única por versos dísticos de maneira semelhante ao que ocorre em “A voz do canavial”. Quanto ao conteúdo, em “A voz do coqueiral” a troca de palavras e expressões foi bastante significativa, embora o sentido mantenha-se alinhado ao da segunda estrofe de “Vozes de Pernambuco”. Apenas o terceiro e o quinto versos se mantiveram inalterados. Nos demais, como se observa na última estrofe, por exemplo, as modificações indicam que o poeta recriou a versão apresentada no *fac-símile* do poema enviado à *Revista Colóquio/Letras*.

Embora apareçam em títulos diferentes, as três vozes – de Pernambuco, do canavial e do coqueiral – entrecruzam-se e permitem situar o lugar homenageado pelo sujeito poético. Pernambuco surge de modo

⁶ Ibidem, p. 555 e 556.

explícito na poesia de João Cabral a partir da década de 1950⁷, quando o poeta se propõe a criticar as condições desfavoráveis em que viviam seus conterrâneos. O envolvimento com Pernambuco não se esvai ao longo de outras publicações, mas é retomado de modo contundente em *A escola das facas*. Visto como o livro de João Cabral mais inclinado a reminiscências, ele se chamaria *Poemas pernambucanos*, mas teve o nome alterado por sugestão do crítico Antonio Candido⁸. A supressão nos títulos, no entanto, não ofusca “As vozes de Pernambuco” no livro em que se destaca a terra natal de João Cabral como um dos principais assuntos. As vozes do coqueiral, do canavial, do mar, das cabras, dos casacos de engenhos e de tantos pernambucanos, permitem a Pernambuco continuar ditando suas lições n’*A escola das facas* e ao longo da poética cabralina.

Recebido em: 01 de maio de 2020

Aceito em: 18 de julho de 2020

⁷ Com a publicação de *O cão sem plumas* (1950), *O rio* (1954) e *Morte e vida severina* (1956).

⁸ “Cabral estava com um livro de poesia pronto o qual pensava intitular *Poemas pernambucanos*. Os dois amigos discutiram em torno do título e Antonio Candido sugeriu mudá-lo para *Escola das facas*.” VASCONCELOS, S. *João Cabral de Melo Neto: retrato falado do poeta*. Recife: Ed. do Autor, 2009, p. 147.